

A NARRATIVA DE CRÍTIAS E A HISTÓRIA DE UMA HISTÓRIA

ALICE BITENCOURT HADDAD

Doutoranda em Filosofia
PPGF-UFRJ

A narrativa de Crítias, presente nos diálogos *Crítias* e *Timeu*, tem sido lida, desde sua disseminação, segundo as mais diferentes perspectivas. Desde a Antigüidade até os dias atuais achar-se-ão: (1) aqueles que a leram sob o aspecto do conteúdo descrito, com especial ênfase na cidade de Atlântida; (2) aqueles que a leram tendo em vista a relação entre ela e a narrativa de Timeu; (3) aqueles que a leram tendo em vista sua forma; e (4) aqueles que a leram numa tentativa de conciliar todos ou alguns desses aspectos. Este ensaio não pretende esgotar toda a tradição das interpretações acerca da narrativa de Crítias, mas apontar para o problema instaurado acerca do tema na segunda metade do século XX: Estaria Platão se apropriando de algum gênero do λόγος não filosófico através de Crítias? Se sim, que relação haveria entre o gênero apropriado e a proposta filosófica do *Timeu* e do *Crítias*? Há referências que apontam a diversos gêneros do λόγος supostamente não-filosóficos, seja na forma do discurso, seja no cenário do diálogo, seja no próprio conteúdo da narrativa. Como se verá adiante, as respostas a essa questão até hoje dadas são numerosas e, ao que parece, nenhuma delas foi aceita de maneira definitiva pela maioria dos estudiosos.

Oferece-se, doravante, um histórico das interpretações acerca do gênero da narrativa atlante, sem uma discussão crítica, com o intuito apenas de mostrar como há um impasse nesse sentido, impasse que interfere na interpretação do diálogo como um todo. Afinal é o próprio modo de fazer filosofia de Platão que está aqui em jogo, sua maneira de compor diálogos e a finalidade, sempre filosófica, de seu estilo de composição.

Entre os antigos é comum a preocupação apenas com o conteúdo da narrativa de Crítias. Tomam-no, muitas vezes, como fatos que realmente

aconteceram. Não há entre essas a preocupação de compreender a relação entre a história contada e a filosofia de Platão, e, portanto, a questão do gênero simplesmente não existe.

Veja-se, por exemplo, Amiano Marcelino, em sua *História*, sobre o Império Romano, do séc. IV d.C., em uma digressão sobre terremotos¹. O autor cita quatro tipos: *brasmatiae*, do grego βράζειν (fervilhar, ferver), que se refere ao terremoto que envolve a erupção de vulcão; *climatiae*, que corre numa direção de maneira oblíqua, destruindo cidades, edifícios e montanhas; *mycematiae*, que soa como um ronco ameaçador; e *chasmatiae*, tipo que abre abismos com seu movimento intenso e engole partes da terra, “como, no Oceano Atlântico, uma ilha maior em extensão que a Europa”. Uma clara referência à Atlântida de Platão, mencionada entre outros diversos exemplos tomados como fatos dados. É possível que o autor nem tivesse conhecimento do texto do filósofo, mas que conhecesse a história por outras fontes.

Talvez por Posidônio, lembrado por Estrabão em sua *Geografia*. Em sua crítica à obra daquele, Estrabão (64a.C.-25d.C.) elogia o que Posidônio escreve acerca da terra, sobre seus afundamentos (ἰζήματα) e mudanças (μεταβολαί) a partir de sismas e outros processos semelhantes. E, continua Estrabão²,

πρὸς δὲ καὶ τὸ τοῦ Πλάτωνος εἶ παρατίθησιν, ὅτι ἐνδέχεται καὶ μὴ πλάσμα εἶναι τὸ περὶ τῆς νήσου τῆς Ἀτλαντίδος, περὶ ἧς ἐκεῖνος ἱστορήσαι Σόλωνα φησι πεπυσμένον παρὰ τῶν Αἰγυπτίων ἱερέων, ὡς ὑπάρχουσα ποτε ἀφανισθεῖη, τὸ μέγεθος οὐκ ἐλάττων ἠπείρου??καὶ τοῦτο οἶεται βέλτιον εἶναι λέγειν ἢ διότι ὁ πλάσας αὐτὴν ἠφάνισεν, ὡς ὁ ποιητὴς τὸ τῶν Ἀχαιῶν τεῖχος.

em relação a isso, ele [Posidônio] bem cita o que disse Platão, que é possível não ser invenção aquilo acerca da ilha de Atlântida, acerca da qual relata que Sólon diz, tendo se informado junto aos sacerdotes egípcios, como, subsistindo um dia, desapareceu, com o tamanho não menor do que o de um continente; e acredita ser melhor dizer isto do que dizer que o inventor a fez desaparecer, como o poeta em relação ao muro dos aqueus.

O último comentário de Estrabão é intrigante, mas o autor muda

¹ AMIANO MARCELINO. *História*, XVII, 7, 13-14. Utilizamos a edição: ROLFE, John C. (Trad.). *History - books 14-19*. Cambridge: Harvard University Press, 2005. v. 1. (Loeb Classical Library, Ammianus Marcellinus, 300).

² ESTRABÃO. *Geografia*, 2.3.6. Utilizamos a edição: JONES, Horace Leonard (Trad.). *Geography: Books 1-2*. Cambridge: Harvard University Press, 2005. v. 1. (Loeb Classical Library, Strabo, 49). A tradução será nossa sempre que não houver indicação contrária.

de assunto logo em seguida, passando a considerar outros aspectos da obra de Posidônio. Ao que a passagem indica, Posidônio teria considerado possível a história de Platão não ter sido inventada. Mas o próprio Estrabão parece colocar sua veracidade em dúvida, quando a compara com outra história contada por Homero na *Iliada*. A dúvida é reforçada com o uso da expressão “acredita ser melhor dizer isto do que...”, dando a entender que se tratava, da parte de Posidônio, de uma escolha entre dizer que história era inventada ou não.

Outra menção à narrativa atlante é feita por Eliano, que viveu aproximadamente de 170 a 230 d.C., em seu *Acerca das Características dos Animais*. Por ela se vê como a história contada por Platão se disseminou para as mais diversas direções por seu conteúdo exótico. A menção de Eliano é estranhíssima. O autor fala de um monstro do mar, os θαλάττιοι κριοί – carneiros-marinhos. Os machos têm uma espécie de fita branca em volta da cabeça, e as fêmeas, cachos de cabelo embaixo do pescoço. Eles se alimentam de gente e focas, e são capazes de arrebatam as presas formando ondas com o rabo, fazendo um furacão que traz o incauto da terra para o mar. O animal tem um especial poder também nas narinas, por onde ele suga água, ar, e sua caça, que não consegue se esconder em cavernas submarinas. Platão não é citado diretamente, mas diz Eliano que

μυθοποιῶσι δὲ οἱ τὸν Ὠκεανὸν περιρικῶντες τοὺς παλαιοὺς τῆς Ἀτλαντίδος βασιλέας τοὺς ἐκ τῆς Ποσειδῶνος σποράς φέρειν ἐπὶ τῆς κεφαλῆς τὰς τῶν κριῶν τῶν ἀρρένων ταινίας, γνώρισμα τῆς ἀρχῆς τοῦτο· καὶ τὰς ἐκείνων γαμετὰς τὰς βασιλίδας τοὺς πλοκάμους τῶν ἐτέρων καὶ ἐκείνας φορεῖν τῆς ἀρχῆς ἔλεγχον.

*Os que habitam a beira do Oceano contam uma história de que antigamente os reis de Atlântida, filhos de Posêidon, levavam sobre a cabeça as fitas dos carneiros machos, isto como marca de seu poderio; e suas esposas, as rainhas, os cachos das fêmeas, e também elas portavam a prova do poderio*³.

Paralelamente aos interesses geográficos, históricos e zoológicos no conteúdo da narrativa atlante, acha-se uma outra forma de ler o diálogo de Platão, e especificamente o *Timeu*, entre os neoplatônicos, que tratam de interpretá-lo como uma escrita de elaborado simbolismo. Jámblico, do século

³ ELIANO. *Acerca das Características dos Animais*, 15, 2. Utilizamos a edição: SCHOLFIELD, A. F. (Trad.). *On the Characteristics of Animals: Books XII-XVII*. London: William Heinemann; Cambridge: Harvard University Press, 1972. v. 3. (Loeb Classical Library, Aelian, 449).

III d.C., é um grande expoente dessa tradição. Apesar de não ter chegado aos dias de hoje seu comentário sobre o *Timeu*, foi possível reconstituir sua contribuição através de Proclo e Simplício⁴. Cita-se aqui Jâmblico porque, embora ele não tenha sido o primeiro intérprete do *Timeu* da tradição do neoplatonismo, papel atribuído a Crantor, ele foi o primeiro a ver uma unidade em todo o diálogo, dando, portanto, à narrativa de Crítias o mesmo grau de importância que sempre se deu à narrativa de Timeu. A cena inicial de recapitulação da *República*⁵ também não é abandonada em seu comentário, como acontece naqueles que o antecederam. A função da narrativa atlante é esclarecida no fragmento 5, que se encontra no *Comentário ao Timeu* de Proclo:

[Οἱ μὲν τὴν ἐπάνοδον τῆς Πολιτείας ἠθικώτερον λέγοντες ἐνδείκνυσθαι φασιν ἡμῖν, ὅτι δεῖ τὰ ἦθη κεκοσμημένους ἄπτεσθαι τῆς θεωρίας τῶν ὄλων·] οἱ δὲ ἀξιούσιν ὡς εἰκόνα τῆς τοῦ παντός διακοσμήσεως προκείσθαι ἐπιστημονικῆς διδασκαλίας προτιθέναι τὴν διὰ τῶν ὁμοίων καὶ τῶν εἰκόνων τῶν ζητουμένων σκεμμάτων δῆλωσιν καὶ μετὰ ταύτην ἐπάγειν τὴν διὰ τῶν συμβόλων ἀπόρρητον περὶ τῶν αὐτῶν ἐνδειξίην, ἔπειθ' οὕτως μετὰ τὴν ἀνακίνησιν τῆς ψυχικῆς νοήσεως καὶ τὴν τοῦ ὄμματος διακάθαρσιν προσφέρειν τὴν ὅλην τῶν προκειμένων σκεμμάτων ἐπιστήμην. κἀνταῦθα τοῖσιν ἢ μὲν τῆς Πολιτείας πρὸ τῆς φυσιολογίας ἐπιτετημένη παράδοσις εἰκονικῶς ἡμᾶς ἐφίστησι τῇ δημιουργίᾳ τοῦ παντός, ἢ δὲ περὶ τῶν Ἀτλαντίνων ἱστορία συμβολικῶς· καὶ γὰρ οἱ μῦθοι τὰ πολλὰ διὰ τῶν συμβόλων εἰώθησι τὰ πράγματα ἐνδείκνυσθαι· ὥστε εἶναι τὸ φυσιολογικὸν διὰ παντός τοῦ διαλόγου διήκον, ἀλλ' οὐ μὲν ἄλλως, οὐ δὲ ἄλλως, κατὰ τοὺς διαφόρους τρόπους τῆς παραδόσεως.

[Enquanto uns, falando da recapitulação da República num sentido mais ético, nos dizem revelar que é preciso que os costumes ordenados estejam ligados à contemplação do Universo;] outros [Jâmblico] avaliam que uma imagem do ordenamento do Universo é colocada antes do conjunto da fisiologia; pois é costume dos Pitagóricos, antes do ensino científico, expor a interpretação dos assuntos investigados através das semelhanças e das imagens, e, depois dela, induzir à revelação desses assuntos secretamente através dos símbolos; em seguida, deste modo, após a excitação da inteligência psíquica e da purificação completa da vista, levar à inteira ciência dos assuntos apresentados. E se neste mesmo momento a transmissão resumida da República antes da fisiologia nos coloca imgeticamente diante da demiurgia do

⁴ Ver, para a reunião dos fragmentos, DILLON, John M. (Ed). *Iamblichi Chalcidensis: In Platonis Dialogos Commentariorum Fragmenta*. Leiden: Brill, 1973. O comentário ao *Timeu* pôde ser parcialmente reconstituído a partir do *Comentário ao Timeu*, de Proclo, e do *Comentário sobre a Física de Aristóteles* e do *Comentário sobre o De Anima* de Simplício.

⁵ Não se questiona se se trata ou não de uma reconstituição da *República*. Trata-se da parte de Proclo/Jâmblico de uma constatação. Ver JÂMBLICO, frag. 5 (Dillon).

Universo, a história sobre os atlantes o faz simbolicamente; pois também os mitos em geral costumam explicar acontecimentos através dos símbolos; de modo que o physiologikón está atravessando todo o diálogo, de uma forma em um lugar, de outra forma em outro, de acordo com os diferentes modos de transmissão⁶.

Jâmblico vê, portanto, a narrativa atlante como um mito que encerra, secretamente, o ensinamento que depois será apresentado pelo personagem Timeu. Ele não nega, no entanto, sua historicidade, de acordo com o fragmento 7. Pelo contrário, a ἐναντίωσις, o conflito ocorrido entre Atenas e Atlântida é parte do conflito cósmico – tudo provindo primeiro do Um, e depois da Díada, mas numa relação de natureza antitética. Os exemplos dados por Proclo como sendo de Jâmblico são de gêneros do ser: o Mesmo e o Outro, e o Movimento e o Repouso. Conforme a interpretação deste neoplatônico, os personagens são símbolos que compõem essa narrativa de caráter revelador. Sólon, no fragmento 10, é considerado análogo às primeiras causas criadoras – na explicação de Dillon, o compilador dos fragmentos, o intelecto demiúrgico num primeiro momento –; e Crítias é comparado às segundas e próximas causas criadoras – na explicação de Dillon, o intelecto demiúrgico no cosmo, já num segundo momento. A στάσις em Atenas, dissensão que impede que Sólon escreva a história, representa a Matéria que, com seus movimentos e turbulências, faz obstáculo aos princípios criadores do cosmo. Toda a exegese de Jâmblico segue nessa direção. Ela se preocupa pouco com o gênero da narrativa de Crítias (essa preocupação só aparecerá em cena na contemporaneidade) e mais em aglutiná-la em sua interpretação dos diálogos platônicos dentro do pensamento e das controvérsias da tradição neoplatônica. Os fenômenos contados por Platão são considerados como tendo acontecido, como diz explicitamente o fragmento 7, mas a narração desses fenômenos é considerada simbólica e uma preparação para o intelecto que deve posteriormente entrar em contato com a *physiología*, com a instrução acerca da natureza do Ser e do Universo.

Dentre os estudiosos modernos de Platão não há um que creia na veracidade factual da narrativa atlante. Mas há estudiosos, não de Platão, que crêem nela. São os chamados atlantólogos, preocupados em localizar Atlântida,

⁶ Esta tradução não se faria sem uma consulta à tradução de DILLON, 1973, p. 109-110; especialmente no que diz respeito ao vocabulário. Houve dificuldades (e talvez ainda haja problemas) quanto às expressões τῶν ὄλων, δῆλωσιν, τοῦ παντός e τὰ πολλά.

acreditando ser o filósofo apenas uma fonte dessa história, mas não se perguntando por que ele seria a primeira. Eles não se ocupam com a Atenas arcaica, apesar de ela ser dita tão verdadeira quanto Atlântida; e, para conciliar as descrições de Platão com suas suspeitas, algumas das informações dadas por ele são consideradas pistas, enquanto outras são consideradas equivocadas. O único engano de Platão assinalado por todos os atlantólogos é acerca de um dado essencial: a data em que ocorreram os eventos descritos pela narrativa. O filósofo situa-os nove mil anos antes do encontro entre Sólon e o sacerdote egípcio. No entanto, em cerca de 9500 a.C. não havia nada semelhante ao que descreve Platão nos diálogos em questão. “Nessa época a Grécia estava no período paleolítico tardio e o homem ainda estava vivendo em cavernas ou abrigos de rocha e estava caçando e colhendo sua comida⁷.” Além disso, se aceitamos a existência de Atlântida, devemos aceitar a de Atenas.

Mas pelo que sabemos acerca de Atenas e sua história, essa [identidade com a cidade construída na República, essa] combinação particular de elementos políticos, sociais, militares não existiram em período algum, nem no micênico, nem no geométrico, arcaico ou na Atenas Clássica⁸.

Esse e outros detalhes não impediram a busca do chamado “continente perdido”. Há mais de dois mil livros sobre o assunto⁹, e recomenda-se, para quem quer se introduzir no tema, *Lost Continents*, de 1954, de Lyon Sprague de Camp, conhecido autor americano de ficção científica, e talvez lembrado no Brasil apenas por ter continuado a série de contos, iniciada por Robert Howard, que tem como personagem Conan, o Bárbaro. De Camp tem interesse pelas interpretações fantásticas acerca da narrativa de Platão e disserta sobre elas, mas, quando se trata de dar ele mesmo sua opinião, é categórico em afirmar que a história é uma criativa invenção do filósofo, que já teria assustado a Sócrates e Górgias por causa das mentiras inventadas sobre estes¹⁰.

⁷ RAMAGE, Edwin S. Perspectives Ancient and Modern. In: _____ (Ed.). *Atlantis: Fact or Fiction?* Bloomington: Indiana University Press, 1978. p. 3-45. Para a citação, ver p. 19. O texto de Ramage é fundamental para aqueles que desejam se introduzir à história das interpretações acerca da narrativa atlante. O autor faz um breve e esclarecedor apanhado da Antigüidade à Modernidade, não deixando de citar e responder aos principais nomes da “Atlantologia”. Por ser de 1978, é evidente que o texto perde o ressurgimento da discussão e as análises fecundas de Vidal-Naquet, Christopher Gill, Kathryn Morgan, entre outros, sobre as quais se falará a seguir.

⁸ RAMAGE, 1978, p. 20.

⁹ Estimativa de RAMAGE, 1978, p. 5.

¹⁰ DE CAMP, L. Sprague. *Lost Continents: The Atlantis Theme in History, Science, and Literature*. New

Se De Camp é a própria expressão do curioso e intrigante acerca da narrativa atlante, há, de outro lado, um autor que se incumbiu de resumir e rebater criticamente cada um dos “sistemas sobre a Atlântida”¹¹. Trata-se de Thomas Henri-Martin e seu precioso *Études sur le Timée de Platon*. A preocupação de Henri-Martin com os atlantólogos não é casual. Pode-se dizer que ele está a meio caminho entre a crença na veracidade da narrativa e a crença em sua ficcionalidade. Isto porque, após expor e refutar as teorias que tentam localizar a Atlântida em algum ponto não submerso do globo (Palestina, Suécia, América, etc.), num exaustivo trabalho de buscar as fontes de cada uma delas e mostrar suas deficiências, ele próprio confessa não achar possível que Platão pudesse ter inventado uma narrativa como aquela. Segundo Henri-Martin, a descrição da maneira como a história chegou a Crítias não é também inventada. Pelo contrário, ela seria a prova de que a história é autêntica, remontando a sua transmissão de Sólon a Platão. “Não posso acreditar que ele tenha se dedicado a enganar seus leitores sobre as tradições de sua família¹².” O autor, no entanto, dá uma solução para o problema da falta de verossimilhança da narrativa: haveria da parte dos egípcios, dos sacerdotes que contaram a história a Sólon, a intenção de inflar o amor-próprio dos atenienses, em busca de uma aliança. Eles criam a história, e Platão, já deslumbrado com as “verdadeiras descobertas dos fenícios e dos cartagineses para além das Colunas de Hércules”¹³, acredita nela e é o primeiro a torná-la pública. Como se vê, Henri-Martin fica a meio caminho da aceitação ou não da narrativa. Ela consiste, sim, num relato, mas num relato originalmente falso. Não seria Platão o criador da história, mas apenas um transmissor. Apesar de aqui se discordar das conclusões de Henri-Martin, sua obra é indispensável para aqueles que querem conhecer de modo

York: Dover, 1970. A primeira edição é de 1954. Para a anedota sobre Sócrates e Górgias, ver p. 208. O autor oferece ao final um útil apêndice com traduções de passagens que citam a narrativa atlante ou parte de seu conteúdo, no âmbito da Antigüidade, além de trechos de autores anteriores a Platão que supostamente teriam influenciado o filósofo. Após o apêndice, há uma bibliografia que pretende dar conta das mais diversas hipóteses criadas pela atlantologia. O próprio De Camp parece uma figura tirada de uma ficção fantástica. Sua biografia em site oficial na internet fala de suas viagens pelo mundo, para a coleta de material para seus livros (que somam mais de 120), nas quais ele aparece fugindo de hipopótamos caçadores, de leões-marinhos e sendo mordido por um lagarto. Ver L. SPRAGUE de Camp.com. Disponível em <<http://www.lspraguedecamp.com/bio.asp>>. Acesso em 22 nov. 2006.

¹¹ Ver HENRI-MARTIN, Th. *Dissertation sur l'Atlantide*. In: _____. *Études sur le Timée de Platon*. Frankfurt/Main: Minerva GMBH, 1975. t. 1, p. 257-332. A primeira impressão é feita em Paris em 1841.

¹² HENRI-MARTIN, 1975, p. 321.

¹³ HENRI-MARTIN, 1975, p. 326.

não superficial a “história dos sistemas sobre a Atlântida”, como diz o próprio autor. A narrativa para ele é verídica, e por isso ele não integra o conjunto de autores que passa a discutir (tema do próximo parágrafo) o estatuto de tal criação poética de Platão.

Em 1964, Pierre Vidal-Naquet publica na *Revue des Études Grecques* um artigo que alimenta e influencia todas as interpretações contemporâneas acerca da narrativa de Crítias. Ele é retomado e publicado em nova versão em *Le Chasseur Noir*¹⁴, em 1981. A contribuição de Vidal-Naquet é fundamental quanto à elucidação do conteúdo da narrativa. O autor destrincha cada detalhe da descrição de Atenas e Atlântida, não descurando da relação entre o *Crítias* e a totalidade do *Timeu*, além da inserção dos dois diálogos entre as demais obras de Platão. Como o que se quer aqui é expor um panorama da classificação da narrativa atlante, deixa-se agora de lado o que o texto de Vidal-Naquet tem de excelente para se chegar ao incipiente. Incipiente mas de grande influência. O título já diz: “Atenas e Atlântida: Estrutura e significação do *mito*¹⁵ platônico”. Que a narrativa seja um mito é um dado não questionado. O próprio autor, no entanto, nos recorda a fala de Sócrates, que define a narrativa “como uma história verdadeira, não como um conto fabricado¹⁶”. Como solução para essa contradição, Vidal-Naquet propõe que Platão brinca com a semelhança entre o real e a ficção. O artifício literário platônico seria o primeiro deste gênero na história da literatura ocidental. Ponto final, e com duas frases Vidal-Naquet abre uma enorme discussão sobre o gênero da narrativa. Para completar, e tornar o problema mais complexo, ele diz revelar a influência de Heródoto sobre Platão, e cita trechos¹⁷ de ambos os autores para demonstrá-la. A questão é que Vidal-Naquet inaugura o grande problema mal resolvido da história contemporânea das interpretações acerca da narrativa atlante: Como conciliar a concepção de que a narrativa é um mito, apesar de os personagens afirmarem que ela não o é? Como conciliar também o mito com as características citadas da forma da prosa histórica? E se Platão é o inventor de um novo gênero

¹⁴ VIDAL-NAQUET, Pierre. Athènes et l’Atlantide: Structure et signification d’un mythe platonicien. In: _____. *Le Chasseur Noir*: Formes de pensée et formes de société dans le monde grec. Éd. revue et corrigée. Paris: La Découverte, 1983. p. 335-360.

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ Tradução nossa da tradução do autor, já que o que se pretende no momento é expor seu pensamento e não o de Platão. No original: “Socrate pourra même le définir ‘comme une histoire vraie, non comme un conte fabriqué de toutes pièces’ (μη πλασθέντα μῦθον ἀλλ’ ἀληθινὸν λόγον)”. VIDAL-NAQUET, 1983, p. 337.

¹⁷ VIDAL-NAQUET, 1983, p. 343.

literário, que relação tem esse gênero inventado com toda a sua filosofia; em outras palavras, por que Platão inventa um gênero para narrar essa história específica que ocorre no *Crítias* e no *Timeu*? Talvez não seja exagero afirmar que todos os intérpretes que vieram depois de Vidal-Naquet tentaram responder a estas perguntas.

O primeiro deles é Christopher Gill, que possivelmente é o autor contemporâneo que mais escreveu sobre a narrativa atlante e se ocupou especialmente com a questão de seu gênero, de sua classificação. Como alguém que se dedicou ao assunto por vários anos, suas próprias interpretações se alteram ao longo do tempo, e o autor assume essas mudanças, assinalando-as em seus escritos. Sua obra mais completa sobre o assunto é a edição com introdução e notas da narrativa atlante, que o autor intitulou de *Plato: The Atlantis Story*, publicada em 1980. Diz Gill ser essa a primeira obra que reúne numa seqüência a narrativa, que vai de *Timeu* 17-27 ao *Crítias*. Já em 1979, entretanto, há um artigo do autor sobre o gênero da narrativa, “Plato’s Atlantis Story and the Birth of Fiction”¹⁸. Nessa primeira abordagem do tema, Gill assume uma posição categórica, que ecoa a insinuação de Vidal-Naquet: a narrativa de *Crítias* é o primeiro exemplo, na literatura ocidental, de ficção narrativa. Preliminarmente ele distingue “ficção” de “falsidade”, afirmando ser fictícia não uma narrativa sobre algo que não aconteceu – o que faria de Homero, por exemplo, um autor de ficção –, mas uma narrativa que, além de reportar ao que não aconteceu, conta com a cumplicidade da audiência. O ouvinte, ou leitor, não é enganado. Ele está ciente de que a história não é factual. “Ficção, alguém poderia dizer, é um tipo de jogo, em que ambos os participantes compartilham um fingimento voluntário, tratando o que é irreal como real, e o que é inventado como factual.”¹⁹ Platão, segundo Gill, na narrativa de *Crítias*, estaria convidando o leitor a participar desse jogo. O filósofo predispõe o leitor ao contato com uma história inventada nas duas introduções da narrativa, na do *Timeu* e na do *Crítias*, e o que é oferecido pelo personagem é uma história verdadeira. A expectativa pela fábula inventada seria despertada no *Timeu* em 19b-d, quando Sócrates diz que ouviria com prazer uma história em que a cidade recordada pelo resumo inicial lutasse com outras cidades e que na guerra restituísse o que lhes convém por sua

¹⁸ GILL, Christopher. Plato’s Atlantis Story and the Birth of Fiction. *Philosophy and Literature*, Dearborn, v. 3, n. 1, p. 64-78, Spring 1979.

¹⁹ GILL, 1979, p. 65.

educação e formação. Também, no *Crítias*, o narrador, na introdução, se comportaria mais como um contador de histórias do que um historiador (Gill indica *Crítias*, 107), quando se preocupa com sua platéia e sua performance. Mas tanto no *Timeu* quanto no *Crítias*, após a preparação para o que parece ser uma fábula inventada, o personagem começa a narrativa de uma história da qual em diversos momentos ele enfatiza a veracidade, recorrendo, para isso, à explicação da transmissão dos acontecimentos. Dessa forma Platão estaria se ocupando de dois motivos que lhe são caros: por um lado, a narrativa como “representação de um objeto moralmente bom por um autor que conhece a natureza real de seu objeto²⁰”, aludida mas não realizada na *República*, e, sim, nos prólogos do *Timeu* e no *Crítias*. Tratar-se-ia do problema da *mimesis*, da relação entre poeta/imitador e coisa imitada, trabalhada nos livros II, III e X da *República*. Por outro lado, no conteúdo da história narrada o autor se dedicaria a outro tema, a saber, o conflito entre a cidade justa e a injusta, o conflito entre duas constituições. E a forma com que o faria seria “fingindo-se de historiador²¹”, num jogo em que, com um estilo semelhante ao de Heródoto e Tucídides, o personagem declara como história verdadeira aquilo que não estaríamos predispostos a aceitar como tal. O convite ao engano voluntário faria da narrativa de *Crítias* “a primeira peça de narrativa deliberadamente ficcional na literatura grega”.

A publicação de 1980²² não se detém exatamente sobre essa questão. O autor ressalta em prefácio que a obra se dirige a alunos de graduação que estejam estudando grego. Nesse sentido o livro cumpre com perfeição sua função, com uma linguagem clara, oferecendo uma bibliografia básica para quem quer se aprofundar no assunto, a conjugação de alguns verbos mais difíceis de se reconhecer, um vocabulário ao final, além, é claro, do próprio texto grego (de Burnet com algumas alterações) com introdução e notas. Apesar da simplicidade da proposta, a obra de Gill passou a ser citada em todas as interpretações posteriores e certamente influenciou, em conteúdo e forma, a publicação francesa da Flammarion, escrita por Luc Brisson, da qual se falará mais tarde.

Talvez por a publicação de 1980 se pretender uma obra didática, e não a defesa de um posicionamento, Gill se preocupa aqui em oferecer argumentos para várias interpretações. A única que ele rejeita enfaticamente é

²⁰ GILL, 1979, p. 73.

²¹ GILL, 1979, p. 75.

²² GILL, Christopher (Ed.). *Plato: The Atlantis Story*. Bristol: Bristol Classical Press, 1996.

a concepção de que a narrativa seja uma história factual. Como acontece com outros estudiosos de Platão, a primeira preocupação do autor é de recusar a atlantologia, apontando suas incoerências. Num segundo momento, Gill indica as associações possíveis entre a narrativa e os mitos apresentados por Homero e Hesíodo. Mas o autor recusa, no entanto, a identificação da narrativa com o gênero épico. Baseado na crítica que se faz ao gênero na *República*, Gill prefere identificar a narrativa de Crítias com a falsidade (sua tradução para ψεύδος) útil. A dissociação entre mito e falsidade útil, que o autor só aprofunda num artigo de 1993, não é aqui explorada. Mas, de qualquer forma, Gill deixa claro que, se se quer considerar a narrativa um mito, há que se pensar no mito como platônico, que traz uma “verdade ideal” ou “filosófica”, e não no mito homérico ou hesiódico, tão criticado pelo filósofo na *República*. Num terceiro momento, Gill traz a interpretação de que a narrativa seja uma alegoria política. Pertencendo o *Timeu* e o *Crítias* a uma fase tardia do pensamento de Platão, posterior à *República*, quereria o filósofo, segundo Gill, ilustrar sua nova teoria política. Quase todas as características da cidade da *República* são mantidas no que se refere à Atenas arcaica, mas uma em especial é abandonada – inclusive, ela é esquecida pelos personagens quando se faz aquele resumo sobre o que foi dito na véspera, que costuma ser associado também ao diálogo *República* – : o governo do rei-filósofo. Segundo Gill, o Platão mais maduro teria passado a valorizar as leis, que deveriam submeter os governos; e não o contrário, isto é, um governo ao qual as leis deveriam estar submetidas. Esta última concepção ele teria defendido na *República*, mas teria percebido posteriormente que ela levaria inevitavelmente à corrupção. Atlântida, por outro lado, apresenta uma elite de reis com uma autoridade não-controlada por nada, o que a levou ao orgulho e à ganância, e, conseqüentemente, à sua própria destruição por um castigo divino. Num quarto momento, Gill apresenta a concepção de que a narrativa seja uma mensagem à Atenas do tempo de Platão. A Atenas arcaica representaria a Atenas anterior à vitória sobre os persas, sem porto, navios, mercado ou arquitetura elaborada. Uma Atenas de potência terrestre. Atlântida, por outro lado, representaria a Atenas do tempo de Platão. Com “uma grande concentração de riquezas conseguida pelo comércio marítimo e pelo poder naval sobre uma grande área do Mediterrâneo²³”. Pode-se reconhecer também, através desse quadro, o próprio Império Persa, do modo como este é descrito

²³ GILL, 1996, p. xviii.

por Heródoto; mas, nota Gill, não se pode esquecer que Hermócrates – general siracusano responsável pela derrota de Atenas no episódio conhecido como a “expedição à Sicília” e que supostamente é um dos personagens do *Timeu* e do *Crítias* – chama, de acordo com Tucídides (em 6.76.4)²⁴, Atenas de “Nova Pérsia”. Nesse cruzamento de referências entre as guerras medo-persas e a guerra do Peloponeso, Platão estaria fazendo uma crítica à constituição ateniense e à democracia. Num quinto momento, Gill apresenta a concepção de que a narrativa atlante seja um pastiche de história. A expressão é certamente retirada de Weil²⁵, que consta em bibliografia mas não em referência explícita, e cuja obra *L’“archéologie” de Platon* influenciou não só Gill, mas uma gama de intérpretes da narrativa atlante. Platão, portanto, estaria utilizando os procedimentos da História, especificamente tendo em vista Heródoto e Tucídides, para dar um caráter verdadeiro, realista à narrativa – o que, porém, não implica um conteúdo verídico factualmente. Por último, Gill apresenta o que parece ser a sua interpretação acerca da narrativa atlante. É aquela de que ele falava no artigo de 1979 e a qual retomará no texto de 1993. Platão estaria praticando a criação de um mundo ficcional. Todas as outras interpretações, a saber, a narrativa como um mito, a narrativa como alegoria política, a narrativa como uma mensagem a Atenas e a narrativa como um pastiche de história, não formariam um todo coeso. Platão tenta, mas não consegue juntar todos esses aspectos sem causar alguma estranheza ao leitor. Por isso, diz Gill, Platão abandona o projeto no meio, o que explicaria a interrupção do texto no meio de uma frase. De todas as interpretações a única que resta e que fascina o intérprete é a de que Platão é o inventor de uma forma literária que teve, depois dele, êxito em comunicar essas interconexões, que no diálogo *Crítias* acabaram aparecendo como “tensões não resolvidas²⁶”. A forma literária é a ficção, que séculos depois de Platão, seja em novela, seja em romance, recriava o passado apresentando-se como descrição de pessoas reais e situações históricas²⁷. O artigo de 1979 desenvolvia melhor essa afirmação de que Platão seria o inventor da ficção. Mas, de qualquer forma, o próprio autor desistirá dela na década seguinte.

Em seu mais recente “Plato on Falsehood – not Fiction”²⁸, de 1993,

²⁴ As referências são todas de Gill (1996, p. xviii).

²⁵ WEIL, Raymond. *L’“archéologie” de Platon*. Paris: Klincksieck, 1959.

²⁶ GILL, 1996, p. xxiv.

²⁷ GILL, 1996, p. xxii.

²⁸ GILL, Christopher. Plato on Falsehood - not Fiction. In: _____; WISEMAN, T. P. *Lies and Fiction in the Ancient World*. Austin: University of Texas Press, 1993. p. 38-87.

Gill reformula sua tese – o que se percebe de imediato pelo título de seu trabalho. Não se trata mais de ver a ficção em Platão, mas a falsidade. Dessa vez o autor oferece uma leitura mais aprofundada dos livros II e III da *República*, centrando seu argumento na noção platônica de ἐν τῇ ψυχῇ ψεῦδος, traduzida pelo autor como “a falsidade na alma”. A concepção de falsidade, abandonada no artigo de 1979 em detrimento da concepção de ficção, passa a justificar a crítica que Platão faz aos poetas. A poesia daria a impressão de comunicar um conhecimento, embora não o faça. O verdadeiro conhecimento só se daria na educação dialética, preconizada nos livros VI-VII da *República*, e a poesia serviria apenas num estágio inicial da formação, de criação de hábitos²⁹. Segundo Gill, o problema da poesia é que ela não se adaptaria à segunda fase do programa de educação, dando primazia a “estados irracionais da psique humana³⁰” ao invés de privilegiar a racionalidade. Em contraposição à falsidade na alma, atribuída aos poetas e, nomeadamente, a Homero e Hesíodo, Gill analisa a noção de “falsidade em palavras”, que pode ser usada como um “remédio preventivo”. Nesse âmbito estaria a “mentira nobre”, que se trata de uma mentira por não ser verificável factualmente, mas uma mentira que propaga uma verdade de outra ordem e que, além disso, é útil. Afinal, esse tipo de mentira geraria o que Gill chama de “verdade na alma”. Mas toda essa introdução serve para o autor reformular sua interpretação sobre a narrativa atlante. Se no artigo de 1979 ele afirmava categoricamente que ela era a primeira obra de ficção da história da literatura ocidental, agora ela é identificada com a mentira nobre: a audiência aceita a história como verdadeira; a verdade da mentira contada é presumida, não é colocada em questão; aquele que narra a história tem conhecimento dessa verdade. Gill, ao contrário do que fazem vários intérpretes, não reconhece na mentira nobre um mito platônico. Os mitos platônicos, ao contrário da mentira nobre, não são tomados como verdades factuais; a falsidade do mito é assinalada por seu narrador; sua verdade não é presumida nem pelo narrador nem pela audiência, mas é um objetivo de busca. O autor descreve as passagens em que essas características são ressaltadas³¹ para chegar, enfim, à análise da narrativa atlante. Ele alerta explicitamente para sua mudança de interpretação, vindo a admitir que, embora não negue o entendimento de 1979, de que Platão estaria fazendo um convite

²⁹ GILL, 1993, p. 48.

³⁰ GILL, 1993, p. 50.

³¹ GILL, 1993, p. 58-62.

ao jogo da ficção por meio da narrativa atlante, ele foi apressado e pouco explicativo. Sua leitura da *República*, que buscava apenas a relação entre discurso ficcional e factual, se amplia, conforme o que foi resumido até aqui. No texto de 1993 Gill vê na narrativa atlante a mentira nobre, um mito de fundação inventado para validar uma tradição que Platão pretende verdadeira. Daí fica melhor explicada a função do que antes Gill encarava como o “fingir-se de historiador”. Para a mentira nobre ter seu efeito é preciso que ela seja tomada como uma verdade factual, para gerar a verdade na alma, para fazer do falso tão semelhante ao verdadeiro que ele se torne útil. Gill prossegue em seu estudo com sua discussão sobre a ficção, que teve de ser recolocada, mas o que importa destacar aqui é a virada de sua interpretação. Uma leitura atenciosa dos dois artigos conduz à conclusão de que ele desiste da idéia de que o leitor/ouvinte da narrativa atlante se engana voluntariamente; de que os procedimentos usados por Crítias/Platão são uma espécie de jogo; e o autor passa a usar as categorias de “falsidade” e “verdade” (“na alma” ou “em palavras”) em sua classificação da narrativa, tendo em vista que a própria diferença entre Platão e os poetas deixa de ser que o primeiro é claro quanto à mentira de sua narrativa enquanto os outros não o são, para ser que o primeiro conta mentiras para contar verdade ao contrário dos últimos.

Em 1989, como um capítulo de *L'écriture d'Orphée*, de Marcel Detienne, surge o importante “La double écriture de la mythologie (entre le “Timée” et le “Critias”). O texto é escrito como uma reação a Luc Brisson e seu *Platon, les mots et les mythes*³². Aliás, o próprio *Les mots...* parece ter sido escrito como reação a outro texto de Detienne, *L'invention de la mythologie*³³, pelo que se pode depreender do curto escrito de Brisson entre a epígrafe e a introdução, onde se afirma que Detienne teria usado, no quinto capítulo de *L'invention...*, suas análises (as de Brisson), a princípio a serem utilizadas em um livro comum mas que nunca veio a acontecer. Resume-se a seguir o embate de idéias, interessante por estar inscrito na história das interpretações da narrativa atlante.

Em *L'invention de la mythologie*, Detienne faz um relato histórico da compreensão do que seja “mitologia”, analisando, em especial, os estudos do século XVIII em diante. A abordagem é crítica e descreve o surgimento das

³² BRISSON, Luc. *Platon, les mots et les mythes: comment et pourquoi Platon nomma le mythe?* Paris: La Découverte, 1994. A primeira edição pela Maspero em 1982.

³³ DETIENNE, Marcel. *L'invention de la mythologie*. Paris: Gallimard, 1981.

disciplinas que têm o mito como objeto de estudo, e que colocavam num mesmo escopo os gregos da Antigüidade e os povos colonizados no período em questão. No capítulo intitulado “L’illusion mythique”, no entanto, o autor dedica parte do texto ao uso da palavra μῦθος em relação com a palavra λόγος entre os gregos, escapando por um breve momento à história das “interpretações mitológicas”. Os principais autores abordados são Heródoto e Píndaro, onde μῦθος e λόγος apareceriam em oposição, destacando-se, assim, os sentidos próprios de cada uma dessas noções. No capítulo “Sourires de la première interpretation” há um estudo da relação entre μῦθος e λόγος entre os historiadores gregos, com especial ênfase em Hecateu de Mileto; e no quinto capítulo enfim se chega à polêmica entre Detienne e Brisson. Na edição revista de 1987, há uma nota que faz referência às investigações semânticas de Luc Brisson, sem as quais o itinerário do capítulo “La cité defendue par ses mythologies” seria prejudicado. Basicamente, a tese de Detienne é de que Platão ocupa um lugar estratégico na história das concepções de “mitologia” por ser o primeiro a utilizar o termo μυθολογία, e por criar mitos, ele próprio, numa recusa às “ficções escandalosas” dos poetas. No que tange à narrativa de Crítias, há pouca contribuição: Detienne reescreve com suas palavras os trechos que tratam da transmissão da narrativa, reconhecendo em Sólon os procedimentos do etnógrafo, que acaba por se dar conta da fragilidade de suas genealogias face ao trabalho escrito e à memória exaustiva dos egípcios. A breve análise da narrativa de Crítias, no entanto, não se liga à análise posterior dos usos do mito por Platão. O autor prossegue com uma leitura das *Leis* e da *República*, ressaltando o papel formador do mito que molda a cultura e a tradição onde se quer que os cidadãos vivam. Detienne, no entanto, não vê conexão entre a verdadeira genealogia divulgada por Sólon e esse papel do mito destacado em outros diálogos. Pelo contrário, um avô contando ao neto histórias maravilhosas, à maneira de Crítias-avô, seria algo não permitido “nas ruas e praças da *República*³⁴”. Cabe apenas ao saber filosófico ocupar-se de uma política da mitologia se se pretende construir uma nova cidade. Não há preocupação da parte do autor em classificar a narrativa de Crítias. O que ele faz é destacar o termo “mitologia” do texto em questão, reproduzindo o que ali se diz. Não vincula tampouco sua leitura ao que estabeleceu em outros capítulos acerca dos historiadores (relação quase sempre vista pelos intérpretes,

³⁴ DETIENNE, 1981, p. 181.

aquela entre a prosa histórica e a narrativa de Crítias). Sua intenção em *L'invention...* não é certamente a de analisar, em momento algum, o gênero da narrativa atlante, mas o autor acaba abrindo um novo campo, com seu comentário sobre Hecateu, Herôdoto e Píndaro, em capítulos anteriores, para a compreensão da oposição entre μῦθος e λόγος no prólogo do *Timeu*, que ele mesmo não explora.

Em *Les mots et les mythes*, o leitor é introduzido ao texto com uma demarcação de posição em relação a *L'invention...* Detienne usou a investigação lexicológica de Brisson mas suas conclusões são distintas. O autor inicia seu primeiro capítulo com uma definição de mito:

*Um mito não reporta nunca a uma experiência atual ou recente; ele evoca sempre uma lembrança conservada em memória por uma coletividade inteira que o transmitiu oralmente de geração em geração durante um longo período de tempo*³⁵.

O exemplo dado, a guerra entre Atenas e Atlântida. Através do exemplo da narrativa atlante, Brisson elenca diversos aspectos do mito em geral, mas não há nenhum esforço em demonstrar que tal narrativa seja um mito, mesmo que em diversos momentos os personagens neguem enfaticamente essa denominação. Cabendo em sua definição inicial de mito, a narrativa atlante é, pois, um mito. Muito rapidamente, no capítulo “L’opposition: mythe/discours vérifiable” Brisson aborda o problema da oposição entre μῦθος e verdade (τὸ ἀληθές) que surge dentro da fala do sacerdote egípcio, quando este recusa o mito de Faetão em detrimento de uma explicação cosmológica para os incêndios periódicos. Essa passagem é crucial por fornecer subsídios para aqueles que querem provar que a narrativa não é um mito, uma vez que o próprio sacerdote, que contará a verdadeira história dos atenienses, utiliza a noção de mito para desqualificar determinada explicação sobre um evento da natureza. Brisson se esquiva da questão acreditando que a veracidade ou falsidade de um mito é dita segundo a conformidade, ou não, a um discurso de outro tipo. Nesse caso, o mito é falso por não se adequar à razão proposta pelo egípcio. Assim, o autor abre uma brecha para a qualificação de verdadeiro para um mito, o que lhe possibilita afirmar o caráter mítico da narrativa de Crítias, que se afirma a todo tempo como um discurso verdadeiro. A rixa com Marcel Detienne surge com grande força no final do livro, à conclusão, onde

³⁵ BRISSON, 1994, p. 23.

o autor pretende rebater sua crítica às ciências dos mitos e aos mitólogos contemporâneos.

“La double écriture de la mythologie³⁶”, referência constante nos estudos sobre a narrativa de Críias, surge como um capítulo de *L’écriture d’Orphée* em 1989. O embate aqui ganha intensidade e é mais interessante por se aplicar especificamente aos prólogos do *Timeu* e do *Críias*. Sólon como etnógrafo reaparece³⁷ e a questão do gênero da narrativa ganha um espaço nunca antes dado por esses interlocutores. Detienne abre a discussão com Brisson de forma agressiva. A crítica recai justamente sobre o trecho aqui citado anteriormente, a definição de mito que abre *Les mots...*, considerada trivial e pouco rigorosa. Vale a pena citar, ainda que um pouco extensa, a argumentação de Detienne:

[...] ele [Luc Brisson] fez por nós a teoria das narrativas da tradição trazendo à luz “os elementos fundamentais que intervêm efetivamente em todos os mitos”. Descoberta sensacional e que deveria pôr fim, uma vez por todas, aos nossos debates acerca da mitologia e de sua essência. À reflexão, uma vez dissipado o efeito de surpresa, não é certo que, em forçando a intimidade de Platão, Luc Brisson não tenha soprado em seu ouvido algumas de nossas idéias acabadas sobre o mito em geral. Por exemplo, aquelas que são entregues sob a forma: “um mito não reporta nunca uma experiência atual ou recente”, na abertura de um capítulo intitulado “Information” (para quem?). [...] É mais surpreendente ler as fórmulas: ‘um mito não reporta nunca... ele evoca sempre...’³⁸.

A crítica prossegue e Detienne se volta para a assunção, não demonstrada por Brisson, de que a narrativa seja um mito. Brisson não se propõe a explicar por que um ἀληθινὸς λόγος é considerado por ele um mito. “O informador Platão faz, de fato, uma teoria do ‘mito’ tendo apenas na boca a palavra *lógos*?” questiona Detienne³⁹. Após a série de críticas ao autor de *Les mots...*, Detienne faz aquilo de que se sente falta em *L’invention...*: reconhece as semelhanças entre a narrativa de Críias e as narrativas dos historiadores, especialmente os do V século. Cita o exemplo de Helânico de Lesbos, que teria narrativas acerca de Foroneu, Deucalião (figuras citadas na genealogia de Sólon), Atlas e Asopo. Seria ele também o primeiro Atidógrafo, prosador que escreveria sobre as belezas e grandes feitos na Ática, como as “tradições sobre

³⁶ DETIENNE, Marcel. La double écriture de la mythologie (entre le “Timée” et le “Críias”). In: _____. *L’écriture d’Orphée*. Paris: Gallimard, 1989. p. 167-186.

³⁷ DETIENNE, 1989, p. 169 e 171.

³⁸ DETIENNE, 1989, p. 172-173.

³⁹ DETIENNE, 1989, p. 173.

Atenas e Posêidon, as mais antigas genealogias reais, a organização das Panatenéias”⁴⁰. São narrativas de conteúdo mítico. Mas de Helânico a Platão o olhar sobre o mito se altera. Detienne aponta para os risos de Hecateu de Mileto sobre as narrativas que circulavam na Grécia de seu tempo; aponta para o uso do termo “mito” em Heródoto, como “o incrível”, “o inverossímil”, “o absurdo”; aponta para o rigor de Tucídides, “que escolhe o presente contra o ‘mitoso’ [mytheux] e os perigos do passado”⁴¹. De Platão em diante, como demonstra Detienne, já se fala em “mitologia” e de sua função na constituição da identidade de um país⁴². Concluindo, para o autor Platão estaria empreendendo, através da narrativa de Crítias, uma crítica analítica da história-memória dos atenienses, substituindo-a pelo paradigma da cidade ideal. Platão, conhecedor da “máquina mitologia”, deseja imprimir na memória da cidade as Idéias, sem o que não será possível a “cidade dos filósofos”, como diz Detienne⁴³.

Brisson, na introdução de sua tradução do *Crítias*⁴⁴, abandona a querela com Detienne e coloca-se ao lado de Vidal-Naquet e Gill (o Gill de 1979 e 1980), considerando a narrativa um mito, mas com referências históricas e intenções políticas. Além de considerar a narrativa de Crítias um mito, Brisson a vê como um pastiche, irônico mas respeitoso, dos historiadores. Misturando mito e história, o autor considera Platão, assumindo um vocabulário anacrônico, o inventor do romance histórico. A verdade é que a publicação da Flammarion só tem valor quanto a seu uso didático, oferecendo, em francês, a útil estrutura do livro de Gill de 1980, com exceção do texto grego, e retomando a interpretação de Vidal-Naquet. Mas não traz, de fato, contribuição para a controvérsia.

Outro conhecido estudioso contemporâneo da narrativa de Crítias que ofereceu importantes contribuições recentemente é Jean-François Pradeau. Datadas de 1997 há duas obras suas acerca do tema. A tradução com notas da edição de bolso da Belles Lettres⁴⁵, oferecendo o texto grego e uma introdução

⁴⁰ DETIENNE, 1989, p. 180.

⁴¹ DETIENNE, 1989, p. 183.

⁴² *Pays* é o termo utilizado por Detienne. DETIENNE, 1989, p. 183.

⁴³ DETIENNE, 1989, p. 184.

⁴⁴ BRISSON, Luc (Trad.). *Timée, Crítias*. 5e éd. Paris: Flammarion, 2001. Para a discussão acerca do estatuto da narrativa, ver p. 319-325. A primeira edição do texto é de 1992.

⁴⁵ PRADEAU, Jean-François (Trad.). *Crítias (et prologue du Timée)*. Paris: Les Belles Lettres, 1997a. (Classiques en Poche, Platon, 8).

que apenas anuncia brevemente a tese do autor, publicada no mesmo ano pela Academia Verlag.

A tese de doutorado⁴⁶, defendida em 1995 e intitulada *Le Monde de la Politique*, é hoje o comentário filosófico mais completo acerca da narrativa atlante, tendo como maior qualidade o fato de ter conseguido sistematizar e abranger todas (ao que parece) as interpretações filosóficas de relevo até a data de sua publicação. Outra enorme contribuição de Pradeau foi a de dedicar uma seção, com onze páginas⁴⁷, apenas a comentar o ensaio de Giuseppe Bartoli⁴⁸, considerado o primeiro autor da Modernidade a ler a história contada por Crítias como uma ficção a ser interpretada com um olhar político. Isso em 1779, quando as teorias que buscavam localizar Atlântida, principalmente sob a inspiração da descoberta do Novo Mundo, ainda tinham grande força nos meios intelectuais. Pradeau nos transmite o comentário de Bartoli e transcreve passagens, o que é de grande valia, uma vez que seria preciso ir a Paris para consultar a obra, que, ao que consta, nunca contou com uma reimpressão ou nova edição. Não se pode afirmar que Bartoli tenha influenciado toda uma geração posterior, mas o fato é que ele é o primeiro intérprete a ver Atlântida como uma imagem da Atenas imperialista, derrotada na expedição à Sicília por sua insolência. E Platão teria escrito o “poema histórico⁴⁹” a seus contemporâneos como uma exortação à virtude.

Deixando Bartoli de lado para retomar o ponto de vista do próprio Pradeau, além de este sistematizar as leituras filosóficas acerca da narrativa atlante, ele ainda indica uma outra interpretação possível acerca do gênero a ser-lhe atribuído. O primeiro passo do autor é no sentido de tomar como base o que ele chama de “tipologia poética” da *República*, dos livros II e III. Na *República*, segundo ele, estariam distintos o conteúdo poético (o λόγος) do modo de enunciação (a λέξις). Quanto ao conteúdo, Platão oporia o mito às obras úteis, privilegiando estas últimas. Quando ao modo, ele privilegiaria a não dissimulação, em detrimento do pronunciamento do poeta sob a identidade de outro. Pradeau, com essa rápida avaliação, considera que o filósofo, portanto, sintetizaria na narrativa simples a combinação desses dois critérios. Legítima é

⁴⁶ PRADEAU, Jean-François. *Le Monde de la Politique*: Sur le récit atlante de Platon, Timée (17-27) et Crítias. Sankt Augustin: Academia Verlag, 1997b. (International Plato Studies, 8).

⁴⁷ PRADEAU, 1997b, p. 71-82.

⁴⁸ BARTOLI, Giuseppe. *Essai sur l'explication historique que Platon a donnée de sa République et de son Atlantide et qu'on n'a pas considérée jusqu'à maintenant*. Stockholm, 1779 apud PRADEAU, 1997b, p. 344.

⁴⁹ BARTOLI, 1779, §84 apud PRADEAU, 1997b, p. 74.

“a *narrativa simples*, cumprida por um homem de bem, que imita a virtude”, supondo de sua parte o conhecimento da realidade imitada⁵⁰. Por um lado, segundo o comentador, a tipologia poética se aplicaria a Crítias como narrador. Ele participa ao mesmo tempo da filosofia e da política, como frisa Sócrates, e imita algo que conduz à virtude, a saber, a própria cidade construída na *República*, agora transformada em Atenas arcaica. Porém Pradeau se coloca um problema que o faz abandonar as estruturas de interpretação dos livros II e III: a temporalidade da narrativa. Os acontecimentos narrados por Crítias estão tão afastados no tempo, que não é possível atestar sua veracidade histórica (importante assinalar que Pradeau está fazendo uma análise desde o interior do diálogo, sem entrar no mérito da real historicidade, na qual ele não acredita, evidentemente). Não é possível atestar sua veracidade histórica, e, quando isso acontece, conforme a fala de Sócrates na *República*, “nós tornamos o máximo possível o falso semelhante ao verdadeiro⁵¹”. Este seria o caso da mentira útil. Pradeau, no entanto, não aceita de modo algum identificar a narrativa de Crítias com uma mentira útil. Para ele, Crítias não empreende uma representação ou imitação, e sim uma restituição fiel de eventos passados. Sua narrativa é não-imitativa. Como não se abarca na *República* nada no gênero, isto é, uma narrativa simples não-imitativa que reconstitua fielmente acontecimentos cuja ocorrência não se pode comprovar, Pradeau descarta os livros II e III como base de uma classificação.

Após apresentar as interpretações de Bartoli, Gill, Vidal-Naquet e Brisson, o autor passa à análise exaustiva do conteúdo da narrativa no *Crítias* e no *Timeu*, abordando e trazendo para sua leitura uma quantidade incrível de informações e explicações para cada detalhe da descrição de Atlântida. A questão do gênero retorna apenas ao final do livro, já próximo da conclusão. Pradeau recusa-se a identificar na narrativa o gênero romanesco, caro ao Gill mais jovem e presente também em Vidal-Naquet e Brisson, por entender que os romances gregos antigos não tinham nenhuma vocação política. Até haveria neles alguns elementos comuns, como a descrição de lugares extraordinários, de povos desconhecidos, habitantes de lugares inacessíveis, etc., o que não seria suficiente para incluir a obra de Platão entre eles. Se o filósofo motiva o surgimento de algum gênero literário, é preciso avançar através de séculos e voltar a atenção para a *Utopia* de Thomas Morus (1516) e *A Cidade do Sol* de

⁵⁰ PRADEAU, 1997b, p. 40-41.

⁵¹ PRADEAU, 1997b, p. 41 citando PLATÃO. *República*, 382d1-3.

Campanella (1602). O gênero utópico é definido por Pradeau como “a elaboração teórica, para fins analíticos e prescritivos⁵², de organizações políticas concebidas a partir de um número finito de hipóteses restritivas⁵³”. Para o autor, a característica mais marcante da narrativa atlante é seu aspecto descritivo. É surpreendente a quantidade de informações detalhadas acerca da fauna, flora, da arquitetura, das instituições políticas, etc., calcada em elementos conhecidos, sejam eles gregos ou não. A originalidade do texto platônico estaria em, a partir desses mesmos elementos, ter construído “exemplos fictícios e inéditos de regimes e comunidades políticas⁵⁴”. Através da Atenas arcaica e de Atlântida, Platão estaria oferecendo a gênese e o desenvolvimento de dois tipos de cidade. Tomando cada uma delas como uma realidade viva, com cidadãos, animais, plantas, pedras etc. de determinada natureza, e com uma alma que é a sua constituição. Tratar-se-ia, segundo Pradeau, de uma fisiologia política, coerente com a narrativa sobre a totalidade do mundo como pronunciada por Timeu, onde aparecem os mais diversos seres descritos por Crítias, mas numa relação explícita com as idéias, para onde olha o demiurgo, e com seus elementos constituintes: a terra, o ar, o fogo e a água. Pradeau tenta, portanto, uma solução que reúne, de um lado, a questão do gênero da narrativa atlante e, de outro, sua inserção na metafísica platônica.

Em 1998 surge um artigo⁵⁵ de Kathryn A. Morgan com novas contribuições sobre o problema do gênero da narrativa de Crítias. E uma delas é a identificação do mito de Atenas e Atlântida (conforme ela mesma diz) com a “mentira nobre” (“noble lie”) segundo as condições descritas na *República*. A autora não se preocupa em explicar os motivos de considerar a narrativa de Crítias um mito, mas prefere deslocar a questão da veracidade do λόγος para o terreno da persuasão. Platão quer estabelecer um novo mito fundador para Atenas, e precisa alegar sua verdade para que se acredite nele. Morgan, no entanto, deixa claro que tal motivação não se dirige ao leitor, mas pertence apenas ao âmbito interno do diálogo, isto é, quem se quer persuadir são os personagens, dos quais, com a exceção de Sócrates, se diz que participam da filosofia e da política, além de terem importância política em suas respectivas cidades. Com essa descrição dos personagens, Morgan volta à *República* e nos

⁵² Tradução de “épitactiques”.

⁵³ PRADEAU, 1997b, p. 281.

⁵⁴ PRADEAU, 1997b, p. 281.

⁵⁵ MORGAN, Kathryn A. Designer history: Plato's Atlantis story and fourth-century ideology. *Journal of Hellenic Studies*, London, v. 118, p. 101-118, 1998.

recorda que “o objetivo da Mentira Nobre é persuadir principalmente os governantes da cidade, mas, não conseguindo, o resto da cidade (μάλιστα μὲν καὶ αὐτοὺς ἄρχοντας, εἰ δὲ μὴ, τὴν ἄλλην πόλιν, 414c1-2)”. Se os personagens são envolvidos na mentira a fim de serem os iniciadores de uma nova tradição, os leitores teriam o espetáculo do funcionamento, da operação da própria mentira. Os fins de Platão quanto a seus leitores, segundo Morgan, seriam didáticos. Na ênfase do caráter verdadeiro da narrativa de Crítias depende o sucesso da mentira, que não é de Crítias, que já está persuadido, mas de Platão.

Se de um lado a autora se vale de uma classificação platônica em sua leitura da narrativa, de outro ela recorre aos gêneros estabelecidos historicamente. A ponte entre uma e outra perspectiva se dá através da idéia de que a composição do mito acontece sob influência de *tópoi* comuns a outros mitos fundadores não-platônicos. Diferente dos intérpretes anteriores, que viam as semelhanças entre a narrativa e a prosa histórica, Morgan se dedica a descrever as semelhanças entre o mito atlante e os discursos epidíticos laudatórios. Especificamente, Platão estaria em diálogo e confronto com Isócrates. A intérprete destaca vários pontos em comum entre os discursos do último e os diálogos em questão. Apenas para citar alguns, no *Panegírico*, Atenas tomada como modelo para o resto da Grécia, sua resistência nas lutas por sua liberdade e pela das outras cidades; no *Panatenaico* e no *Areopagítico*, a excelência de sua constituição. As questões são as mesmas nos dois pensadores, mas as práticas filosóficas, diversas. Isócrates consideraria a narrativa platônica inútil, um exercício filosófico sem um objetivo concreto de ação. Em *Antidosis* 62, ele admite que sua retórica não visa apenas a louvar o passado, mas a dar conselhos sobre o futuro. Platão, por outro lado, segundo Morgan, teria restringido sua platéia a especialistas, e estaria menos preocupado em exortar à ação do que em entender, ou fazer entender, “como a história é construída para ser verdadeira em relação a ideais e ideologias que surgem e reagem contra a cena contemporânea”. Com outras palavras a autora reforça sua concepção de que a narrativa tem fins didáticos, de fazer ver a construção da mentira nobre.

Morgan, ao fim de seu artigo, admite que sua interpretação não resolve o problema da relação entre a narrativa de Timeu, uma cosmologia, e a de Crítias, história política. Mas assume como propriedade do diálogo platônico a possibilidade de receber inúmeras interpretações compatíveis entre si, apesar dos diferentes enfoques.

Um estudo recente, mas não interessado na questão do gênero da narrativa atlante por ela mesma, é o *Plato's Rhapsody and Homer's Music*, de Gregory Nagy⁵⁶, que consiste numa coletânea de artigos do mesmo autor escritos entre 1999 e 2001. Para provar a tese de que a poesia homérica deve ser vista como um sistema e não como um texto, por sua composição se dar na recriação sucessiva dos rapsodos, o autor recorre aos diálogos de Platão que descrevem a execução rapsódica. Entram em sua análise, de maneira mais detida, *Hiparco*, *Íon*, *Timeu* e *Crítias*. Parte de sua argumentação se centra na idéia de que as Panatenéias teriam sido um contexto-chave para a formação da *Iliada* e da *Odisséia*, havendo nesse festival competições entre rapsodos, que deveriam não só ser capazes de traduzir a *διάνοια* de Homero, mas também de retomar com presteza a seqüência da narrativa interrompida pelo rapsodo anterior. O *Timeu* e o *Crítias* são diálogos abordados por três motivos, o terceiro sendo o que realmente importa para o histórico das interpretações. Em primeiro lugar, Nagy acha sugestivo que na Festa das Apatúrias, onde Crítias, com dez anos, ouve seu avô contar a história vivida por Sólon, haja uma competição entre crianças, que fazem as vezes de rapsodos. A ocasião onde ocorreriam as competições entre verdadeiros rapsodos seriam as Panatenéias. A escolha de Sólon como o poeta declamado seria em função da incompletude de seu poema, incompletude visada por Platão também em outros momentos dos dois diálogos. Em segundo lugar, Nagy identifica, dentro da fala de personagens que consideraram conveniente a história em um festival (ἐν τῇ πανηγύρει) e sacrifício (τῇ ... παρούσῃ ... θυσίᾳ) a uma deusa não nomeada⁵⁷, a celebração das Panatenéias. Estariam Sócrates, Timeu, Crítias e Hermócrates, portanto, prestando honras a Atena. Quanto a esse ponto, não há controvérsias tampouco. Em terceiro lugar, e aí se encontra uma assunção ousada e que propõe uma nova visão sobre o gênero da narrativa de Crítias, Nagy considera que os três interlocutores de Sócrates se fazem, eles mesmos, de rapsodos. Estaria Platão, no *Timeu* e no *Crítias*, expondo um argumento sobre o estilo e o conteúdo rapsódicos. Além do fato de estarem celebrando as Panatenéias, o autor usa como justificativa o vocabulário “rapsódico” dos personagens, assim como o clima de competição, também expresso em suas falas, que há entre eles. Para se conferir o vocabulário e o conteúdo rapsódico, Nagy indica *Crítias*,

⁵⁶ NAGY, Gregory. *Plato's Rhapsody and Homer's Music: The Poetics of the Panathenaic Festival in Classical Athens*. Cambridge: Harvard University Press, 2002. (Hellenic Studies, 1).

⁵⁷ PLATÃO. *Timeu*, 21a2-3; 26e4.

106b (παραδίδομεν κατὰ τὰς ὁμολογίας Κριτίᾳ τὸν ἐφεξῆς λόγον – “entregamos, conforme o acordo, a Crítias o discurso na seqüência”); *Crítias*, 106b-c (ὦ Τίμαιε δέχομαι μένῳ δὲ καὶ κατ’ ἀρχᾶς σὺ ἐχρήσω, συγγνώμην αἰτούμενος ὡς περὶ μεγάλων μέλλων λέγειν, ταῦτόν καὶ νῦν ἐγὼ τοῦτο παραιτοῦμαι... – “Recebo-o, Timeu; mas aquilo de que te serviste no começo, pedindo desculpas por estar prestes a falar sobre o grandioso, agora também eu peço o mesmo”); a interrupção do *Crítias* no momento em que Zeus anunciará sua vontade – um tema que ocorre na *Iliada* e na *Odisséia* e que apontaria para momentos de interrupção da execução rapsódica –; o tema da extinção humana através de incêndio ou enchente em *Timeu*, 22a e c, que são manifestações épicas da vontade de Zeus que ocorrem também na *Iliada*, XII, 17-33 e XXI, 211-327; a recorrência da idéia de seqüência narrativa, em *Timeu*, 23d, 24a; e a menção a uma platéia e à competição entre os personagens, em *Crítias*, 108b-d. O objetivo de Platão seria o de, utilizando o contexto propício das Panatenéias, criar um novo hino em honra a Atena, compondo, assim, nova identidade à própria cidade de Atenas. A interpretação de Nagy traz elementos inusitados e contribui, sem dúvida, para a leitura cênica do diálogo, que costuma ser negligenciada pelos comentadores em geral.

Aqui se encerra o panorama geral das interpretações acerca do gênero da narrativa de Crítias. O que tem se visto, desde a interpretação de Vidal-Naquet, é uma tentativa de conciliar as supostas múltiplas referências do texto platônico a gêneros do λόγος estabelecidos historicamente, seja na Antigüidade ou não. Essa é uma tentativa que implica aceitar ou não aquilo que Crítias diz de sua própria narrativa, isto é, que ela não é mito, mas uma história verdadeira; implica aceitar ou não que o cenário é importante para a sua leitura; implica aceitar ou não que a maneira como a história é transmitida também é importante; implica aceitar ou não que o conteúdo tem íntima relação com a forma; implica, por último, aceitar ou não a *diáresis* dos livros II e III da *República* para sua fundamentação.